

Português

Sicherheitshinweise:

EMA Block – CSD Kapitalismus (1, Marktplatz)

Zuher – Rassismus in queeren Communities (2, Marktplatz)

Reginald Brown – Vocês são o meu legado (3 Marktplatz)

Meu nome é Reginald Thomas Brown. Eu cresci em Kansas City, Kansas. Meus pronomes são elu/delu. Tenho 68 anos e sou uma Queer, não-conformante de gênero, revolucionária Prete.

Minha mãe me encorajou a questionar e desafiar tudo e todos pra que eu pudesse lutar pelas coisas que acredito, mesmo que ela não concordasse comigo. Um dos maiores presentes dela pra mim foi me contar que eu posso fazer e ser tudo o que eu quiser. Como ela era minha mãe, eu acreditei nela sem questionar e estou, atualmente, vivendo e fazendo o que eu quero fazer.

Quando eu contei pra ela que estava envolvido na Libertação Gay, ela sorriu e disse que “não importa o que eu faça ou quem eu seja, eu sempre serei o filho dela e que ela sempre me amará.” Esse encorajamento me permitiu ir pro mundo e vencer!

Em 1986, quando eu tinha 34 anos, me disseram pra tomar conta de meus assuntos pois eu tinha dois anos pra viver. Meu diagnóstico de HIV+ veio justo quando a morte por HIV era mais provável. Essa notícia, apesar de senti-la como um soco no estômago, não me surpreendeu porque eu gosto **MUITO** de sexo e fiz sexo com mais homens do que posso lembrar. Guardem seus insultos de “prostitute” pra vocês pois essa é a MINHA jornada.

Não tinha ninguém que podia me ajudar. Então resolvi ajudar a mim mesmo e percebi que esse diagnóstico de HIV+ eram 3 bênçãos.

#1 Eu não tinha mais que me preocupar com pegar HIV;

#2 Decisões sobre como e com quem eu passava o meu tempo não eram mais negociáveis;

#3 A bênção mais importante: mesmo que eu tenha 2 anos ou 2 dias, vou viver **ATÉ** que eu morra. Isso está fazendo 34 anos neste agosto de 2020. Eu estou sem transmitir HIV desde 2003.

Eu ouvi falar de Stonewall em 1969 enquanto estudava fora no Chile como um estudante estrangeiro do ensino médio. Meu “irmão” chileno Mario me disse “os queers de Nova York estão protestando”. Ele não sabia que eu era Queer, mas eu senti um raio de entusiasmo quando ele me contou.

Eu me formei do ensino médio em 1970, um ano após Stonewall. Mesmo estando longe de Nova York, no branco e conservador Kansas, eu fui inspirado pelos protestos Queer a me tornar membro da Frente da Libertação Gay (GLF) na Universidade do Kansas. Eventualmente, fui eleito presidente da GLF. Isso foi em 1971. Eu tinha 19 anos. Eu cresci minha vida inteira sendo pessoas diferentes dependendo das circunstâncias.

Não tinha lugar NENHUM pra onde eu podia ir e ser eu. Eu frequentei instituições educacionais predominantemente brancas, em uma área predominantemente conservativa, reacionária com pessoas brancas e instituições. Eu não podia ser Queer em lugar nenhum publicamente, nem mesmo em minha vizinhança nem em minha igreja.

Eu sempre fui espiritual e ciente de que o Deus que eu conhecia não teria me criado pra ser ninguém além de mim mesmo. Foi difícil, como criança, se segurar a isso. Mas a minha fé me guardou.

Eu me mudei para o campus da Universidade do Kansas uma semana depois de minha graduação do ensino médio.

Eu encontrei Tony Cious, um estudante veterano, enquanto ele apresentava a União Estudantil da Universidade. Ele me levou a meu primeiro encontro da Frente da Libertação Gay. Quando eu entrei naquela reunião, foi a primeira vez que eu estava em uma sala de pessoas abertamente Queer. Me senti confortável porque eu não precisava me esconder. Esse foi o primeiro lugar onde eu podia aparecer sem ter de explicar ou justificar minha existência. Eventualmente eu fui eleito Presidente da Frente da Libertação Gay.

Minha fé e o amor de minha mãe me apoiaram quando processamos a Universidade por recusar fundos e espaço à União Estudantil, fundada pelos estudantes.

Eu fui parte de um grupo de palestrantes que fazia apresentações pelo Estado para promover nossa campanha. Eu escrevi opiniões na Newsweek e na revista estudantil, apontando que a única razão pela qual fomos recusados era que éramos Queer. A Universidade se envergonhou e recebemos fundos e espaço no ano seguinte!

Meu ativismo não era limitado à GLF. Eu fui acertado com spray de pimenta e baleado pela polícia durante uma demonstração denunciando os assassinatos de Kent State e a guerra do Vietnã.

Essa foi a primeira demonstração em massa da qual participei. Um colega, Nick Rice, foi baleado e morto atrás de mim enquanto escapávamos da polícia.

Direitos das mulheres, sexismo, cultura do machismo e contracultura estavam entre os problemas de justiça social nos quais eu acreditava.

Eu continuei lutando pelo que acredito quando me mudei para Nova York, e me tornei um ativista lutando por justiça interseccional e me colocando na linha de frente da luta por assistência médica, moradia acessível, defesa de portadores de HIV/AIDS, falta de moradia, etc. Eu fui preso em 6 ações diretas de desobediência civil diferentes. 3 por moradia e 3 por assistência médica. Justiça Social é meu ministério/serviço. “Injustiça em qualquer lugar é injustiça em todo lugar” Martin Luther King Jr.

A Aliança Reivindicar Orgulho (RPC) teve sua segunda Marcha pelo Orgulho em 2020 para celebrar a primeira Marcha da Libertação Gay em 1970. Nosso tema: Marcha da Libertação Queer para Vidas Pretas e Contra a Brutalidade Policial. Nossa primeira Marcha foi ano passado.

A RPC estava farta da Parada da Heritage of Pride com seus carros alegóricos, barricadas e envolvimento de policiais uniformizados. Stonewall foi um protesto e não uma parada com carros alegóricos patrocinada por empresas que nos exploram contra nossos interesses.

Originalmente, nós havíamos cancelado nossos planos pra Marcha deste ano devido ao COVID-19. Porém, a brutalidade policial e o assassinato de George Floyd nos fizeram mudar de ideia. Em três semanas nós organizamos uma Marcha, algo que levou 11 meses no ano passado. Foi brutalidade policial que levou aos protestos de Stonewall. Nós sabíamos que não podíamos permanecer em silêncio.

Eu estou me apoiando nos ombros dos ancestrais que rezaram por mim. Siga suas paixões. Você está no universo para fazer algo que só você pode fazer. Descubra o que esse algo é. Quando você souber o que é, não deixe NINGUÉM nem NADA te impedir de fazê-lo. Libertação Gay é o meu legado.

50 anos atrás eu me defendi do bullying quando processei a Universidade e ganhei. Eu me defendi pois estava cansado de sofrer bullying e não poder viver minha verdade em público.

O que eu fiz 50 anos atrás não apenas mudou a minha vida, mas mudou a vida de todos vocês que vieram depois de mim. VOCÊS são o meu legado.

Luke Rede (4 Augustusplatz)

Queer4Evacuation (5 Augustusplatz)

Max – Bodyshaming auf Dating apps (6, Augustusplatz)

Anna – Fett sein (7 Wilhelm-Leuschner-Platz)

Ronya Othman – Ihr Stolz und ihr Lächln bleiben (9. Wilhelm-Leuschner-Platz)

Pawed- A Situação para os Queers na Polônia. (10. Wilhelm-Leuschner-Platz)

A 250 km daqui, Leipzig, há uma fronteira com a terra onde as vidas das pessoas LGBTQ + estão sob ataque! A Polônia é o país mais homofóbico e transfóbico da UE. Um terço da Polônia declarou-se "ZONA LIVRE LGBTQ" para evitar que a comunidade LGBTQ + se organize. É uma terra onde padres católicos espalham ódio contra homossexuais em todas as cidades, vilas e aldeias DIARIAMENTE e ABERTAMENTE. O estado capitalista e

a igreja católica reduziram sistematicamente as mulheres e os direitos LGBTQ + nas últimas décadas. Os governos atuais e anteriores criaram leis e monumentos glorificando anti-semitas e fascistas. Esses monumentos têm que cair! Isso tem que parar!

O partido Law and Justice contribuiu para uma atmosfera hostil contra queers, judeus, mulheres e todos que não se enquadravam na visão patriótica e nacionalista do mundo. Andrzej Duda, atual presidente da Polônia, iniciou seu mandato com um tapa na cara das pessoas trans: ele rejeitou a lei que estabeleceria procedimentos de reconhecimento de gênero transparentes e acessíveis. Ele terminou chamando abertamente a comunidade LGBTQ + de não humanos, mas de "ideologia". Desde então, a guerra contra queers na Polônia aumentou.

Precisamos de solidariedade internacional e de um movimento internacional que pare as forças destrutivas da homofobia, transfobia, racismo, anti-semitismo e capital!

Na semana passada, Małgorzata Margot Szutowicz, ativista do coletivo STOP BZDUROM ("STOP BULLSHIT") foi sequestrada pela polícia. Só porque ela estava de pé contra os chamados ônibus de ódio que circulam pelos centros poloneses da cidade com grandes alto-falantes espalhando desinformação anti-aborto e comparando homossexualidade com pedofilia. Mas este não foi o primeiro ataque aos ativistas LGBTQ +.

Há quatro anos, apenas dois meses depois de chegar a Leipzig, a Lambda Warszawa, a organização LGBTQ + mais antiga da Polônia, local onde trabalhei e procurei ajuda há muitos anos, foi atacada por neonazistas. Uma janela foi quebrada com um tijolo e as portas foram demolidas com símbolos nazistas. Eu poderia contar muitas histórias como essa. No ano passado, durante a primeira marcha do orgulho no coração dos neonazistas poloneses, na cidade de Białystok, os nacionalistas quase tomaram conta de toda a cidade, perseguindo os queer e seus aliados. Eles estão ganhando poder e precisamos revidar internacionalmente! Precisamos de solidariedade internacional para evitar que incidentes como esse aconteçam novamente! Isso não é algo novo, mas um trabalho de longo prazo de governos e políticos poloneses anteriores que hoje se chamam orgulhosamente defensores da liberdade e da democracia. Eles são Demagogos. Políticos cristãos e de direita, não precisamos da sua misericórdia. Estamos fartos de palavras vazias e promessas vazias. Precisamos e exigimos a sua desgraça.

O movimento LGBTQ + na Polônia experimenta extrema marginalização e repressão. Devido a problemas financeiros, o único abrigo para jovens sem-teto na Polônia está fechado. O governo polonês não se importa com vidas queer. O governo polonês permite ofensas contra a comunidade LGBTQ+. Ele se preocupa apenas com o interesse do capital e da igreja. As pessoas estão sendo atacadas nas ruas da Polônia apenas por estarem usando uma bolsa com arco-íris. Há duas semanas, homofóbicos atacaram pessoas que saíam de um clube gay em Cracóvia. Uma vítima chegou ao hospital em estado grave. Houve ofensas e ataques contra gays e LGBTQ+ em muitos outros lugares na Polônia. Uma atmosfera de medo e perigo cresce pelas ruas dia após dia.

As vítimas têm nomes: Dominik de Biezuń, Kacper de Gorczyno, Milo de Poznań, Wiktor de Varsóvia ... 70% dos jovens LGBTQ + na Polônia têm pensamentos suicidas e metade têm sintomas de depressão. As adolescentes queers não se sentem seguras na escola, nas ruas e em suas próprias casas e famílias. A hora de revidar é agora!

TSG – (11, Simsonplatz)

